

O SER GENÉRICO EM FEUERBACH E MARX: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Isaías Batista de Lima*

A influência de Feuerbach no pensamento de Marx é objeto de polêmica entre os marxistas, tanto no que tange à sua afirmação quanto à sua negação. Assim, este texto busca expor a concepção de ser genérico em Feuerbach e Marx, no sentido de evidenciar as aproximações e distanciamentos entre ambos, tomando como referência tal questão em *A Essência do Cristianismo* e nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*.

O Ser Genérico em Feuerbach

No capítulo I do livro *A Essência do Cristianismo*, centro de nossa consideração, Feuerbach divide sua exposição em cinco pontos fundamentais. No primeiro momento, procura caracterizar a diferença ente o homem e o animal, identificando esta como referenciada a partir da consciência¹ rigorosa, que é a capacidade para a ciência própria do homem, que é capaz de conhecer, dominar, controlar, enfim, de ter por objeto de sua consideração à natureza e a si próprio.

Consciência no sentido rigoroso existe somente quando, para um ser, é objeto o seu gênero, a sua quidade.

De fato é o animal objeto para si mesmo como o indivíduo – pôr isso tem ele sentimento de si mesmo – mas não como gênero – pôr isso falta-lhe a consciência, cujo nome deriva de saber. Onde existe consciência existe também a faculdade para a ciência. A ciência é a consciência dos gêneros. Na vida lidamos com indivíduos, na ciência lidamos com gêneros. (FEUERBACH, 1988, p. 43)

* Doutorando em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor Assistente da Universidade Estadual do Ceará (UECE-CECITEC); pesquisador do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC.

¹ (N. do T.) A *conscientia* latina provém de *scire*, saber.

É, portanto, o outro da relação à definição fundamental do eu, como gênero; compreendido, simultaneamente, como alteridade e como sujeito. E é por ter o homem consciência, fundamento de saber sobre si, o gênero e a alteridade que se diferencia do animal. Apesar disto, a vida do homem não se encerra no outro, pois é para ele próprio objeto, o seu outro. Daí, a vida do homem ser uma vida dupla.

A vida interior do homem a vida relacionada com o seu gênero, com a sua essência. O homem pensa, isto é, ele conversa, fala consigo mesmo. (...). O homem é para si ao mesmo tempo EU e TU; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto. (FEURBACH, 1988, p. 44).

No segundo momento, Feuerbach discute brevemente a essência da religião, cujo fundamento último é o próprio homem. A religião nada mais é do que fruto da própria atividade genérica do homem. A essência humana é o fundamento da religião e seu objeto. O objetivo de Feuerbach aqui se apresenta explicitamente, a saber: diferenciar o homem do animal, mostrando aquele como tendo religião, não no sentido cristão, mas como fundamento da atividade cognoscitiva do homem acerca de si próprio em sua infinitude. Essa é a essência da religião.

A essência do homem (...), não é apenas o fundamento, mas também o objeto da religião. Mas a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita. (FEURBACH, 1988, p. 44)

Assim, dada a infinitude do homem, a consciência rigorosa, condição para a ciência, só pode ser a consciência da infinitude do homem. Uma não se separa da outra.

Consciência no sentido rigoroso ou próprio e consciência de infinito são conceitos inseparáveis (...), a consciência é essencialmente de natureza universal, infinita. A consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência. (FEURBACH, 1988, p. 44)

No terceiro momento, Feuerbach busca identificar os fundamentos da essência humana, identificando-a como síntese da tríade: razão, vontade e coração.

Um homem completo possui a força do pensamento, a força da vontade e a força do coração. A força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade da sua existência. O homem existe para conhecer, para amar e para querer. (FEURBACH, 1988, p. 44-45).

Feuerbach parte, portanto, de uma definição naturalista do homem, enquanto ser sensível que ama, sente e pensa. Essa trilogia – razão, amor e vontade – é a própria totalidade sensível humana que o define como ser de vontade, que age no mundo. Essa trilogia não domina o homem, como algo externo a que ele deva está subjugado necessariamente, mas é a sua própria natureza, sua própria forma de ser, condição de sua existência enquanto tal, ou seja, é dimensão de sua própria essência sensível.

No quarto momento, Feuerbach busca refletir sobre qual o sentido do conhecimento para o homem, identificando este como o conhecimento da sua essência, num verdadeiro retorno à posição socrática do “conhece-te a ti mesmo”. Para ele, o conhecimento para o homem se encerra na afirmação de si próprio, pois a essência escondida no objeto nada mais é do que sua própria essência captada pela razão, vontade e amor.

Por isso toma o homem consciência de si mesmo através do objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. (...). E isto não é válido somente para os objetos espirituais, mas também para os sensoriais. Também os objetos mais distantes do homem são revelações da essência humana, e isto porque e enquanto eles são objetos para ele.

Por isso qualquer que seja o objeto de que tomemos consciência fará simultaneamente que tomemos consciência de nossa própria essência; não podemos confirmar nada sem confirmarmos a nós mesmos. (FEURBACH, 1988, p. 46-47).

O conhecimento, para ele, se reduz assim a uma antropologia, numa afirmação do homem como ponto de partida e de chegada do conhecimento, cujo fim último é a própria afirmação da essência humana.

Consciência é o ser objeto-de-si-mesmo de um ser; por isso não é nada especial, nada diferente do ser que é consciente de si mesmo.

Consciência é a autoconfirmação, auto-afirmação, amor, próprio, contentamento com a própria perfeição. Consciência é a marca característica de um se perfeito; consciência existe somente num ser satisfeito, completo. (FEURBACH, 1988, p. 48).

Finalmente, e não poderia ser diferente diante do que até então fora exposto, Feuerbach identifica o homem como o seu deus, fim primeiro e último de si próprio, sua imperfeição é perfeita para ele, pois não pode estender seu adorno a outro. De qualquer modo, ele se define como seu deus.

A inteligência é o horizonte de um ser. Quão longes enxergas, tão longe estende-se tua essência e vice-versa. (...). E até onde se estende a tua essência, até onde se estender o sentimento ilimitado que tens de ti mesmo, até aí serás Deus.

Se, por exemplo, é o sentimento o órgão essencial da religião, então nada mais expressa a essência de Deus a não ser a essência do sentimento. O sentido verdadeiro, mas oculto, da afirmação 'o sentimento é o órgão da divindade' é: o sentimento é o que há de mais nobre, de mais excelente, isto é, divino no homem. (FEURBACH, 1988, p. 50-51).

Nesse sentido a afirmação da divindade é a afirmação do próprio homem em sua infinitude, como ser genérico.

O Ser Genérico em Marx

A concepção de ser genérico então exposta está centrada na análise dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos (1844)*, no capítulo O trabalho alienado da obra citada, eximindo-se da exposição da crítica feita por Marx à Economia Política Clássica, sendo esta considerada eventualmente quando necessária à compreensão do tema em foco.

O conceito de ser genérico de Marx não se distancia do de Feuerbach, tanto que ele assume a mesma definição, ao considerar (e aqui ele reproduz o argumento de Feuerbach) que

O homem é um ser genérico, não só no sentido de que faz objeto seu, prática e teoricamente, a espécie (tanto a sua própria como a das outras coisas), mas também – e agora trata-se apenas de outra expressão para a mesma coisa – no sentido de que ele se comporta perante si próprio como a espécie presente, viva, como um ser universal, e portanto, livre. (MARX, 1989, p. 163).

A noção de liberdade, em Marx, aqui se apresenta ligado à idéia de consciência de Feuerbach, ou melhor, de essência humana, embora fugindo da categoria por este apresentada, bem como do significado que lhe é atribuído. Em Marx, emerge a noção de práxis laboral como elemento fundante da genericidade do homem, do mesmo modo que a noção de finalidade dessa prática como um ato de liberdade. Destaca Marx, entretanto, o fato de que essa práxis é subsumida a uma prática estranhada na sociabilidade capitalista, que no lugar do homem manifestar sua genericidade, torna-a refém do processo de produção e reprodução dos meios necessários para a sua mera existência física.

A construção prática de um mundo objetivo, a manipulação da natureza inorgânica, é a confirmação do homem como ser genérico consciente, isto é, ser que considera a espécie como seu próprio ser ou se tem a si

como ser genérico. (enquanto o animal produz por necessidade)... o homem produz universalmente;... produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade; o animal apenas se produz a si, ao passo que o homem produz toda a natureza. (FEURBACH, 1988, p. 165).

A atividade genérica do homem é, portanto, prática e se define como tal. É na relação subjetividade-alteridade que a genericidade do homem se apresenta, tendo o trabalho como elemento fundante e instaurador do ser genérico manifesto no processo e resultado da atividade laboral; onde ao criar o mundo, através de sua ação plasmadora sobre a alteridade. Dialeticamente manifesta sua genericidade no mundo. Assim, é pelo trabalho que o homem realiza seu ser genérico.

É precisamente na ação sobre o mundo objetivo que o homem se manifesta como verdadeiro ser genérico. (...). Através dela, a natureza surge como a sua obra e a sua realidade. Por conseguinte, o objeto do trabalho é a objetivação da vida genérica do homem. (FEURBACH, 1988, p. 165).

Tal atividade laboral no modo de produção capitalista é alienada, pois, ao subtrair do homem seu objeto de trabalho, subtrai-se-lhe não só o meio de realização, mas também a sua própria vida genérica. Daí a conclusão de Marx acerca do caráter alienado, que aliena o homem em relação à sua vida genérica e, portanto, em relação a si próprio e aos outros homens. Assim, o trabalho alienado transforma:

3) A "vida genérica do homem", e também a natureza enquanto sua propriedade genérica espiritual, em ser "estranho" em "meio" de sua "existência individual". Aliena do homem o próprio corpo, bem como a natureza externa, a sua vida intelectual, a sua "vida humana."

4) Uma conseqüência imediata da alienação do homem a respeito do produto do seu trabalho, da sua vida genérica, é a 'alienação do homem' relativamente ao "homem" (...). De modo geral, a afirmação de que o homem

se encontra alienado da sua vida genérica significa que um homem está alienado dos outros, e que cada um dos outros se encontra igualmente alienado da vida humana. (FEURBACH, 1988, p. 166).

O elemento fundante da vida genérica do homem emerge, assim, como mero meio de existência física, de satisfazer suas necessidades animais, relegando sua vida genérica à própria negação ou estranhamento. Tal realidade é própria da sociabilidade, onde impera a posse privada sobre os meios de produção.

Conclusão

Há uma aproximação e um abismo entre Feuerbach e Marx no que tange à concepção acerca do ser genérico. A aproximação apresenta-se no uso das categorias para explicar o ser genérico e sua constituição, a saber: consciência, gênero, universalidade, ilimitado. Param aí, porém, as aproximações, apenas no uso das categorias, pois a forma de análise e a leitura destas são qualitativamente distintas. Para Feuerbach, a consciência rigorosa é o fundamento para a ciência e, portanto para a compreensão da genericidade, da universalidade e da ilimitação do homem que se expressa através da religião. O homem é compreendido como totalidade sensível que se expressa como razão, amor e vontade. Dimensões que manifestam a essência sensível do homem. Já Marx é profundamente inovador, ao expor o caráter ontológico do trabalho, na constituição do ser genérico, bem como do conjunto das relações sociais. Nesse tocante, apresenta o homem como, essencialmente, um ser social, forjado no conjunto de relações sociais de produção, ou seja, no processo de produção dos meios necessários à sua existência material, determinada pela forma de propriedade e de produção dela decorrente.

Referências Bibliográficas

FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas-SP: Papyrus, 1988.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1989.